

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS (CCH)
ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA (EB)

LUIZ FELIPE SOARES CAUDURO

Potencial bibliotecário nas redes e comunidades de práticas em permacultura à luz
do Desenvolvimento Sustentável

Rio de Janeiro
2018

LUIZ FELIPE SOARES CAUDURO

Potencial bibliotecário nas redes e comunidades de práticas em permacultura à luz do Desenvolvimento Sustentável

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Alentejo

Rio de Janeiro
2018

C371 Cauduro, Luiz Felipe Soares

Potencial bibliotecário nas redes e comunidades de práticas em permacultura à luz do Desenvolvimento Sustentável/ Luiz Felipe Soares Cauduro
...43f.

Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, graduação em Biblioteconomia, Rio de Janeiro, 2017. Orientador: Eduardo da Silva Alentejo

4. Biblioteconomia. 2. Permacultura 3. Agenda 2030. 4. Sustentabilidade. 5. Comunidades de prática. I. Alentejo, Eduardo da Silva - orientador. II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. III. Título.

CDD 574.531

LUIZ FELIPE SOARES CAUDURO

Potencial bibliotecário nas redes e comunidades de práticas em permacultura à luz do
Desenvolvimento Sustentável

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola de Biblioteconomia da Universidade
Federal do Estado do Rio de Janeiro como
requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel
em Biblioteconomia.

Aprovado em _____ de _____ de 2018

Banca Examinadora

Prof. Eduardo Alentejo, Dr.

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) – Orientador

Prof^a. Bruna Nascimento, Dr.

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) – Avaliador

Prof. Heloisa Helena Albuquerque Borges Quaresma Gonçalves, Dr.

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) – Avaliador

AGRADECIMENTOS

As pessoas certas nos momentos certos constroem reinados.

Agradeço ao Universo que me preparou do momento em que nasci até os dias de hoje para estar aqui, colocando todas as pessoas a seguir ao meu lado, me preparando para me tornar uma versão melhor de mim mesmo e com isso colaborar com a mudança no mundo:

À minha mãe Zaira Soares que sempre me motivou a ir em busca de meus sonhos, sejam quais forem eles, me ensinando a ser um lobo protegendo sua matilha em liderança.

À meu pai João Gilberto Cauduro que me ensinou que honra e dever são primordiais, até mesmo para perde-las. Só se perde o que se tem.

À minha avó Mathildes, que em afeto será sempre minha representação de colo e carinho.

Ao meu orientador e amigo Eduardo Alentejo que foi capaz de me ajudar e me compreender em um trabalho tão complexo e bonito que perpassa nossos núcleos ideológicos e nos coloca a frente, ao real sentido de se tornar melhores seres humanos.

Ao amor que a vida me proporcionou e que comigo pude carregar até os dias de hoje: Augusto Soares, o companheiro, amigo e amor que caminha comigo há tanto tempo que é quase eterno.

Aos inúmeros seres que me fizeram plural e coletivo, em especial: Priscila Soares, Eluécio Montalvão, Thamilles Costa, Caio Silva, Tainá Rocha, Bruno Silva, William Cunha, alguns dos muitos que me ajudaram a me edificar como uma pessoa melhor.

Minha eterna gratidão.

Não acredito em Deus porque nunca o vi.
Se ele quisesse que eu acreditasse nele,
Sem dúvida que viria falar comigo
E entraria pela minha porta dentro,
Dizendo-me Aqui estou!

(Isso é talvez ridículo aos ouvidos
De quem, por não saber o que é olhar para as coisas,
Não compreende quem fala delas
Como o modo de falar que reparar para elas ensina.)

Mas se Deus é as flores e as árvores
E os montes e sol e o luar,
Então acredito nele,
Acredito nele a toda a hora,
E a minha vida é toda uma oração e uma missa,
E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.

Mas se Deus é as árvores e as flores
E os montes e o luar e o sol
Para que lhe chamo eu Deus?
Chamo-lhe flores e árvores e montes,
Se ele me aparece como sendo árvores e montes
E luar e sol e flores,
É que ele quer que eu o conheça
Como árvores e montes e flores e luar e sol.
- Alberto Caeiro

RESUMO

Aborda a potencialidade do bibliotecário na disseminação e implementação das comunidades permaculturais, além de apresentar a área de conhecimento Permacultura ao profissional bibliotecário. Analisa quais são as configurações e práticas da permacultura como comunidade de prática sob a luz da Agenda ONU 2030 para o desenvolvimento sustentável. Apresenta resultados de revisão de literatura acerca do tema. A justificativa do tema se dá devido a necessidade emergencial de se debater os caminhos que a sociedade atual perante a natureza, os impactos do consumo e da capitalização da terra e das relações sociais. O principal material utilizado para isso envolveu literatura das áreas relacionadas e sobre Desenvolvimento Sustentável além-bases de dados bibliográficas. Diante disto, este trabalho apresenta como resultado um compilado de informações para os futuros bibliotecários que desejam atuar nos temas Permaculturais e conceitos primordiais da estrutura apresentada, além de fomentar a participação do bibliotecário no âmbito da permacultura e das práticas informacionais, expandindo o campo de atuação e reafirmando o papel do bibliotecário como agente transformador social.

Palavras-chave: Permacultura. Biblioteconomia. Desenvolvimento Sustentável. Agenda ONU 2030. Ecovilas. Cultura Política. Agroecologia.

ABSTRACT

It addresses the potential of librarian at dissemination and implementation of permacultural community, while presents the knowledge area Permaculture to the librarian professional. Permaculate what are the configurations and practices of permaculture as a community of practice under the UN 2030 Agenda for sustainable development and presents results of literature review on the subject. The justification for this theme is due to the urgent need to debate the ways in which society is confronted with nature, the impacts of consumption and the capitalization of the Earth and social relations. The main material used for this is literature from the reporting areas and of Sustainable Development in addition to bibliographic databases. This work presents a compilation of information for future librarians who wish to work on Permaculture themes and primordial concepts of the presented structure, as well as to promote the participation of the librarian in permaculture and informational practices, expanding the field of action and reaffirming the role of the librarian as a social transforming agent.

Keyword: Permaculture. Library Science. Sustainable Development. UN 2030 Agenda. Ecovilas. Politic Culture. Agroecology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1	A Flor da Permacultura	24
Imagem 2	Princípios de Permacultura	25

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	09
1.1	Objetivos.....	10
1.1.1	Objetivos Gerais.....	10
1.1.2	Objetivos Específicos.....	11
1.2	Justificativa.....	11
1.3	Metodologia.....	13
2.	ATUAL CULTURA POLÍTICA E SUAS BASES	16
2.1	Crise da Agricultura.....	16
2.2	Globalização e Cultura de Consumo.....	17
2.3	Crise dos Recursos Naturais.....	18
3	PERMACULTURA: UMA NOVA PROPOSTA	21
3.1	Flor da Permacultura.....	22
3.2	Princípios éticos.....	22
3.3	Princípios de Design.....	23
3.4	Os campos de atuação da permacultura.....	23
3.5	Classificação das comunidades Alternativas.....	28
4.	VERSIONAMENTO IFLA E A AGENDA ONU 2030	30
5.	O BIBLIOTECÁRIO NA CONSTRUÇÃO DE UM FUTURO PERMACULTURAL	33
6.	RESULTADOS	36
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
	REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) versa sobre a contribuição do bibliotecário no âmbito da permacultura junto às comunidades de práticas sob o título “Potencial bibliotecário nas redes e comunidades de práticas em permacultura à luz do Desenvolvimento Sustentável”.

Considerando a inesgotável possibilidade de atuação bibliotecária em ambientes onde fluxos de informação baseiam ações de determinadas comunidades bem como a emergência de novas formas de cultura baseadas em desenvolvimento sustentável, questiona-se “quais informações se fazem necessárias compreender para o profissional poder contribuir para o desenvolvimento de práticas e atividades no seio da permacultura?”

Para tanto, busca-se refletir o tema acerca da cultura denominada por permacultura, seu ápice e a atuação do bibliotecário junto às comunidades de permacultura na construção de um modelo de sistema ambiental-sócio-econômico mais justo e igualitário, abrangendo práticas internacionais e regionais na colaboração com esta forma de organização social.

A permacultura se caracteriza por grupos humanos que atuam em rede de conhecimento para práticas voltadas ao estabelecimento de uma cultura sustentável permanente e produtora de insumos para a autogestão e retroalimentação da comunidade local, onde cada membro contribui com suas ações, serviços e trocas de conhecimento para o sucesso da comunidade onde está inserida.

Isso indica outra questão quanto ao assunto comunidades de práticas em permacultura, que se articula globalmente em redes de conhecimentos das quais pode se inferir a participação do profissional bibliotecário como agente de informação na comunidade dando suporte informacional e facilitando os fluxos de conhecimento, especificamente, objetiva-se a identificação da mesma como área de conhecimento, expandindo a atuação do bibliotecário e suas possibilidades de desempenhar funções sociais e transformadoras no cenário sócio-político em que se vive.

Este trabalho está dividido na parte introdutória, onde objetivos, justificativas e metodologia do estudo estão descritos. Na sequência, discute-se determinadas questões relativas à atual Cultura e suas bases que envolve fenômenos de importância para aferir o tema: crises da Agricultura, Globalização e Cultura de

Consumo e a Crise dos Recursos Naturais. Em escala mundial, tais fenômenos são antecedentes para a Permacultura, o que se verificará na seção subsequente, considerando: conceito, processos, organização social e do trabalho como comunidades de práticas. A seguir, o assunto 'redes e comunidades de práticas' é analisado à luz da Biblioteconomia com o intuito de tecer as análises necessárias para o tema proposto e à discussão do tema. Na parte final, apresenta-se o exame na seção de resultados, seguindo-se às discussões e a conclusão do estudo.

1.1 Objetivos

A literatura especializada demonstra que a permacultura é um assunto inovador no que diz respeito ao plano dos processos igualitários de inclusão cidadã e sustentáveis em termos de meio ambiente e econômico para a Sociedade como nova área de conhecimento (SOARES, 1998; LEGAN, 2008; HOLMGREN, 2013).

Nessa perspectiva, a revisão de literatura sobre o tema está orientada à organização do conhecimento já produzido sobre permacultura, o que se deseja contribuir para o entendimento do bibliotecário em termos de necessidades informacionais bem como sua atuação no contexto das comunidades de práticas em permacultura.

Desse modo, os objetivos estão divididos em geral e específico.

1.1.1 Objetivos gerais

Determina-se o objetivo geral desta pesquisa de modo a introduzir o tema permacultura no fazer biblioteconômico sob a abordagem de rede e comunidades de práticas, considera-se nesse estudo abordagens sobre informação de Le Coadic (1996) quanto ao uso social da informação. Desse modo, busca-se analisar a potência da atuação de bibliotecários na contribuição para o desenvolvimento de práticas e atividades no seio da permacultura.

1.1.2 Objetivos específicos

Dado que a primeira parte da pesquisa bibliográfica permitiu recuperar poucos itens acerca do tema 'contribuições bibliotecárias para a permacultura', especificamente, objetiva-se identificar as possibilidades de atuação do bibliotecário no seio da permacultura e mensurar possíveis demandas por informação de grupos no plano da permacultura.

1.2 Justificativas

Durante a graduação em Biblioteconomia, o autor não teve a oportunidade de ter contato com o assunto permacultura em nenhuma disciplina e tampouco sobre Biblioteconomia rural ou agrícola e desenvolvimento sustentável.

Embora a expressão desenvolvimento sustentável tenha surgido em 1987, a abordagem baseada na harmonização de objetivos sociais, ambientais e econômicos foi constituída com a primeira conferência internacional sobre meio ambiente realizada em Estocolmo em 1972 (SACHS, 2002) com a recomendação para o uso de oito critérios distintos de sustentabilidade: política social, cultural, ecológica, ambiental, territorial, econômica, política nacional e internacional (SACHS, 2002).

No entanto, considerando o atual estágio da Sociedade da Informação e sua relação com o desenvolvimento sustentável, tal como proposto pela Agenda 2030 das Nações Unidas no plano do desenvolvimento sustentável (NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL, 2018), o interesse pelo tema decorre da necessidade social imediata de se debater os sistemas de consumo, estilos de vida urbanos e nossa relação com a terra em que vivemos.

Se por um lado, o objetivo central da permacultura traz uma mudança que enuncia o abandono de práticas sociais disruptivas para se iniciar um ciclo de simbiose com os meios naturais, afastando-nos da realidade predatória e alinhando os hábitos sociais aos ciclos entrópicos, dos dezessete objetivos da Agenda 2030 para apoiar o desenvolvimento do milênio, o segundo objetivo foca o combate à fome, alternativas para a agricultura sustentável (NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL, 2018).

Sob o enfoque do versionamento da International Federation of Library Associations and Institutions – IFLA (2016), o acesso à informação livre de barreiras e facilitado por bibliotecários e bibliotecas é contribuição relevante para o combate à fome e à pobreza tendo como destaque seu potencial para a agricultura e práticas sustentáveis que podem beneficiar a sociedade, diminuindo, inclusive, os efeitos das restrições orçamentárias governamentais por meio, por exemplo, de ações coletivamente colaborativas e inovadoras.

Nesse contexto, dois assuntos relacionados à permacultura podem ser destacados porque dizem respeito à necessidade de informação em níveis participativos e de interação das atividades em permacultura: redes de conhecimento e comunidades de práticas.

Para Tomaél e Rodrigues (2008, p. 15), as redes de conhecimento desenvolvem-se pelos contatos que atores mantêm e dos quais viabilizam a construção social do indivíduo e, “quando vistas por suas relações, podem identificar coesões e similaridades, em ações coadunadas de indivíduos que agem como um único corpo social”.

O conceito de comunidade de prática foi cunhado por Etienne Wenger que se traduz como um determinado grupo de indivíduos que se reúnem periodicamente, por possuírem um interesse comum no aprendizado e na aplicação do que foi aprendido (MOURA, 2009, não paginado).

Isso sugere que as comunidades de prática são formadas por pessoas que se envolvem em um processo de aprendizado coletivo, portanto, no domínio de uma atividade humana compartilhada pela comunidade e frequentemente, esse processo é baseado na cooperação sob três níveis de participação: nuclear, ativo e periférico (MOURA, 2009). Onde o primeiro nível de participação é formado por grupos que demandam informações para tomada de decisões, o segundo participa junto ao primeiro para que ocorra o processo decisório e o terceiro é formado por outros grupos que apoiam as decisões com base nas interações dentro de sua rede de conhecimento (MOURA, 2009).

Vale ressaltar que tal proposição costuma estar relacionada às corporações através do assunto gestão do conhecimento. Contudo, comunidade de práticas pode ser observada em quaisquer comunidades com as características de redes de interesses comuns e em níveis de práticas em qualquer área de atividade humana, como por exemplo, a permacultura.

Nesse sentido, a permacultura se baseia em comunidades que criam suas redes de conhecimento. Por sua vez, dependem de troca e uso de informação. Desse modo, as ações decorrentes da contribuição bibliotecária podem impactar na tomada de decisão para as boas práticas no seio da permacultura.

Estudar a participação do bibliotecário quanto ao uso da informação na rede e nas comunidades de práticas em permacultura tem o potencial para atribuição profissional junto aos atores mais centrais nesse contexto bem como a probabilidade de identificação de recursos informacionais que podem ser operacionalizados pelo bibliotecário.

No contexto das redes de conhecimento e comunidades de práticas, o bibliotecário pode atuar como se fosse um corretor para a informação; noção esta que segundo Davenport e Prusak (1998): amplia a atuação profissional, tornando-se assim, o bibliotecário facilitador do acesso ao conhecimento no âmbito das necessidades de informação dos grupos envolvidos (DAVENPORT; PRUSAK, 1998, p. 34).

O profissional pode executar mais do que o papel de guia de informações pela possibilidade de estar em contato permanente com os demais participantes da rede, pois, tal como afirmam Davenport e Prusak (1989, p. 34-35), ele adquire a experiência e conhecimento necessários para além da indicação de fontes formais de informação ou de outras fontes de informação; nessa possibilidade, este profissional está inserido no contexto da permacultura e imbuído de contribuir para o sucesso das atividades em sua comunidade.

Contudo, tal expectativa ainda não foi suficientemente estudada ou reportada na literatura biblioteconômica e nesse sentido, este TCC apresenta a discussão desse potencial no plano da permacultura.

1.3 Metodologia

Mediante pesquisa exploratória foi realizada revisão de literatura e pesquisa documental a fim de identificar e analisar estudos ou relatos sobre possíveis ações bibliotecárias no âmbito das comunidades de permacultura.

Nesse cenário, buscou-se na base de dados BRAPCI artigos na área da Biblioteconomia que pudessem expor estudos acerca do tema. O número de textos

recuperados foi 2 e dos textos selecionados foi 1.

Após esta seleção com base na pertinência do tema proposto, buscou-se analisar os resumos dos itens recuperados e a maioria apresenta em comum a preocupação com a organização da informação e do conhecimento para compreender necessidades de informação no contexto das atividades em Agricultura.

Assuntos como desenvolvimento sustentável, meio ambiente e economia da informação estão relacionados com a contribuição do profissional da informação no campo da permacultura e agroecologia, tal como o quadro abaixo apresenta:

Quadro 1 - quantidade de itens recuperados nas bases de dados

ASSUNTO	COMUNIDADE DE PRÁTICAS	BIBLIOTECONOMIA	QUANTIDADE
Desenvolvimento Sustentável	1	3	4
Meio Ambiente	1	1	2
Permacultura	0	0	0
Total:	2	4	6

Fonte: o autor.

Contudo, pouco foi abordado sobre redes e comunidades de práticas onde o bibliotecário ou outro profissional da informação poderia atuar, como por exemplo, na contribuição de identificação de necessidades pontuais por informação de comunidades de permacultura bem como a possibilidade de o bibliotecário participar ativamente nesse campo.

A revisão de literatura se demonstra essencial para estudos exploratórios e nessa perspectiva, o material a utilizado consiste em identificar e analisar: sítios na Web de grupos de permutas de conhecimento online, catálogos de bibliotecas especializadas e universitárias, tais como do EMBRAPA e da UnB e bases de dados especializadas como a AGRO basis.

Para a pesquisa documental de modo a atender aos objetivos específicos, são realizadas análises dos materiais referenciados à luz da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas - ONU, um plano de ação de aplicação individual e coletiva, que tem como objetivo fortalecer a paz universal e a liberdade de todos os

seres, se pautando nos direitos humanos, na igualdade de gênero e no empoderamento feminino através do viés econômico, social e ambiental.

2 ATUAL CULTURA POLÍTICA E SUAS BASES

Serge Berstein (2009) indica a existência de culturas políticas como um complexo sistema de representações que através de normas e valores formam identidades de famílias sociopolíticas. Uma cultura política nasce na necessidade de respostas aos problemas enfrentados pela sociedade atual: coexistindo culturas políticas dominantes, atendendo aos interesses majoritários da sociedade, e que tendem a influenciar culturas políticas menores, formando um ecossistema sociopolítico em constante modificação, devido às conjunturas históricas e mutações da sociedade (BERSTEIN, 2009).

Para entender a atual cultura política brasileira se faz necessário estudar a sua formação como Estado-Nação, observando os seguintes aspectos:

2.1 Crises da agricultura

Na segunda revolução agrícola, como indica Mazoyer (2010), devido a investimentos em agropecuária de alta performance, ocorre a desestabilização da produção agrícola manual, afetando os pequenos agricultores que migram aos centros urbanos em busca de empregos, causando , além do êxodo rural, uma redução da produção agrícola por habitante, levando os Estados a se submeterem a empréstimos internos e externos, criações monetárias e geração de inflação, promovendo importações e taxaço de exportações, abarcando

[...] a todos os elementos do sistema agrário: diminuição dos instrumentos de trabalho, degradação do ecossistema e baixa de sua fertilidade, má nutrição das plantas, dos animais e dos homens e degradação geral do estado sanitário. A não durabilidade econômica do sistema produtivo leva à não durabilidade ecológica do ecossistema cultivado” (MAZOYER, 2010, p. 512).

Com o êxodo de centenas de milhões de agricultores pobres, as cidades não possuíam infraestruturas necessárias, nem empregos, para acolher estes trabalhadores, e se converteram em Megalópoles dicotômicas, onde os pobres estão destinados ao desemprego, ou ao subemprego. (MAZOYER, 2010).

É diante deste cenário que Mazoyer (2010, p. 47) afirma: “O maior perigo de nossa época é o fato de que a redução dos empregos agrícolas continua a

predominar sobre a criação de postos de trabalho em outros setores da economia” e o impacto deste fenômeno é o avanço do desemprego e da pobreza em escala planetária acima do avanço da criação de emprego e qualidade de vida.

Como medida o desemprego em larga escala e a pobreza miserável, foi preciso criar uma demanda de mão de obra e a necessidade de consumo para a geração de renda, dando início ao que se conhecerá por Cultura de consumo, uma ferramenta da globalização.

2.2 Globalização e Cultura de Consumo

A globalização é responsável por intensificar as relações econômicas entre os países, as relações sociais, culturais e políticas, legitimando como cidadão, aqueles que possuem poder de compra (SANTOS, 2016).

É no cenário de pós Segunda Guerra Mundial, com a solidificação do Taylorismo e do Fordismo como principais mecanismos de produção que se constatou o fato de que apenas produzir não era suficiente, como indica Bauman (2001), era preciso aumentar a produção e baixar os estoques, era preciso que houvesse aumento do consumo.

Rifkin (2001) indica que neste momento a área de marketing se torna promissora, devido a capacidade de manipular a comunidade e determinar os objetos de interesse de compra, enquanto nas fábricas começam a organizar a premeditada “Obsolescência programada, que “[...] corresponde a um procedimento intencional que objetiva a curta duração da vida útil das mercadorias, de modo a sustentar a operação continuada do consumo” (NOGUEIRA E MANSANO, 2016).

Diante deste cenário, Victor Lebow (1955, p. 3, tradução nossa) escreveu o artigo que regeria até os dias de hoje a forma como o mundo se relaciona com o consumo, determinando que

[...] nossa enorme economia produtiva exige que façamos do consumo nossa forma de vida, que tornemos a compra e uso de bens em rituais, que procuremos a nossa satisfação espiritual, a satisfação de nosso ego, no consumo. Precisamos que as coisas sejam consumidas, destruídas, substituídas e descartadas a um ritmo cada vez maior.

O aumento do consumo, conseqüentemente aumento do poder das multinacionais, a flexibilização do trabalho e as brechas nas leis ambientais, levaram as principais fábricas para os países denominados terceiro mundo, onde através de mão de obra barata ou análogas à escravidão e diversos danos ambientais, acumularam riquezas e enriqueceram pequena parte da população local.

2.3 Crise dos recursos naturais

Segundo dados de Fox (2005), nas últimas três décadas do século XX foram consumidos 33% dos recursos naturais do planeta, enquanto nos EUA apenas 4% da floresta original ainda permanece intacta, e ainda acrescenta que 40% dos cursos de água do país já não estão em condições de consumo.

A disseminação de um modo de vida caracterizado pelo consumo tem provocado danos ambientais graves que envolvem desde níveis locais até uma escala global (FOLADORI, 2001). Só os EUA, de acordo com Fox (2005), possuem 5% da população mundial, mas consomem 30% dos recursos mundiais.

Diante do consumo ininterrupto das reservas naturais do planeta, da mercantilização da natureza, e das mudanças climáticas, já é possível observar os impactos destas ações: aumento dos períodos de seca, inundações, poluição do ar, das águas, dos rios e dos lençóis freáticos, contaminação dos alimentos por agrotóxicos, chuva ácida, deslizamentos de terra, dentre outros acidentes naturais. Tais problemas resultam muitas vezes em um impacto além do ambiental, como o aumento da pobreza, da fome e da desigualdade social.

Segundo Bauman (2008), tais problemas precisam ser abordados diante daquilo que consideramos as bases fundamentais do capitalismo, as práticas da sociedade de consumo e a globalização.

Mollison e Holmgren (1981) apontam que a crise dos recursos naturais, principalmente a crise hídrica e a crise do petróleo, somados ao atual modelo de agricultura formam um cenário expansivo, deteriorante e intermitente, impedindo a progressão da sociedade e do cultivo de alimentares, isto somado à emergência da sociedade em entender o período pós-moderno, onde um embate de tradições culturais plurais e a insegurança individual quanto ao seu papel como ser social, a impermanência em todos os aspectos da sociedade e da economia moderna e as

ameaças ambientais são os principais causadores deste período de incertezas no qual estão inseridas as sociedades pós-modernas.

Frente a isso, a aceleração da tecnologia e a ascensão de novas ideias, visões de mundo, caminhos e subculturas espirituais expandiram o modo como se vê o continuum lógico da civilização.

Nessa perspectiva, uma cultura política começa a envelhecer quando suas referências, sua visão do Estado e da organização social, suas proposições e seus meios de expressão se tornam inadequados à sociedade, se tornando uma cultura marginal, menos marcante, interessante a um número menor de cidadãos. A crise das representações democráticas e a emergência dos movimentos sociais não partidários determinados como “germe de culturas políticas em gestação”, exemplificado pela ecologia, pelo feminismo e pelo antiglobalismo são as principais barreiras da cultura política predominante (BERSTEIN, 2009).

Neste cenário de um sistema em crise, o surgimento da Permacultura na década de 1970 é um marco para a reflexão do existir humano no planeta Terra, visto que os ideais e práticas do grupo, se alinham ao que se entende hoje por Desenvolvimento sustentável ambiental, econômico e social, porém, perpassa o conceito, quando se posiciona de maneira permanentemente sustentável, diferindo do conceito de desenvolvimento sustentável, definido pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da Organização das Nações Unidas (ONU), como: “desenvolvimento capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações” (O QUE É DESENVOLVIMENTO..., [2018?]).

Diante do pressuposto é possível entender que a atual fase do sistema capitalista está em processo de derrocada, Mollison e Holmgren (1981) indicam que com o colapso da crise dos recursos naturais, a sociedade como é conhecida está para se transformar, visto que a agricultura em larga escala, o consumo dos recursos não renováveis de maneira não sustentável e o avanço da cultura de consumo estão desestabilizando cada vez mais o ecossistema.

A atual cultura política, como Berstein (2009) comprova em sua teoria, está se fragmentando para eclodir em uma nova maneira de se relacionar politicamente, Bill Mollison e David Holmgren, visionários da agroecologia desenvolveram um sistema que permite o máximo uso dos recursos renováveis, o engajamento dos seres para a maximização da produção de maneira natural e equilibrada, a compreensão da

produção vegetal e animal em suas biotas, através de práticas e estudos holísticos, agroecológicos e sociais, se tornando sociedades autossustentáveis e dissociadas da cultura de produção e consumo industrial, denominada Permacultura. O que se verifica na próxima seção.

3 PERMACULTURA: UMA NOVA PROPOSTA E SEUS ASPECTOS

A permacultura pode ser denominada como sistema pioneiro de produção de alimentos, design de construções e cultura holística destinada ao desenvolvimento de uma cultura permanente (perma+cultura).

De acordo com Holmgren (2013, p. 29), “permacultura é uma resposta criativa de design para um mundo com disponibilidade cada vez menor de energia e de recursos [...]”, e pode ser observada sob três aspectos:

- a) um campo de conhecimento,
- b) um recurso,
- c) um produto.

Como campo de conhecimento, seu objetivo é a construção de sistemas que permitam a civilização evoluir de maneira permanente e sustentável, integrando os três reinos: vegetal, animal e mineral, sendo o conjunto destas práticas e métodos aplicados que balizam a noção de Permacultura, produzindo efeito de recurso humano possível.

Como recurso, as práticas de construção e utilização dos insumos naturais não serão mais degradantes aos locais de instalação e formarão um ambiente novo de design e resultado único de sustentabilidade.

A noção de sustentável na Permacultura pode ser percebida nos produtos que viabiliza entre as comunidades, o que torna possível definir Permacultura como produto.

O foco do sistema permacultural cabe em reconstruir o capital natural, aplicar redesigns invertidos, partindo da mudança do indivíduo local para as esferas de mercado, comunidade e cultura, entretanto, o papel fundamental da permacultura tem sido difundido como servir de zona de impacto para o colapso e ruptura da economia e da sociedade. (HOLMGREN, 2013)

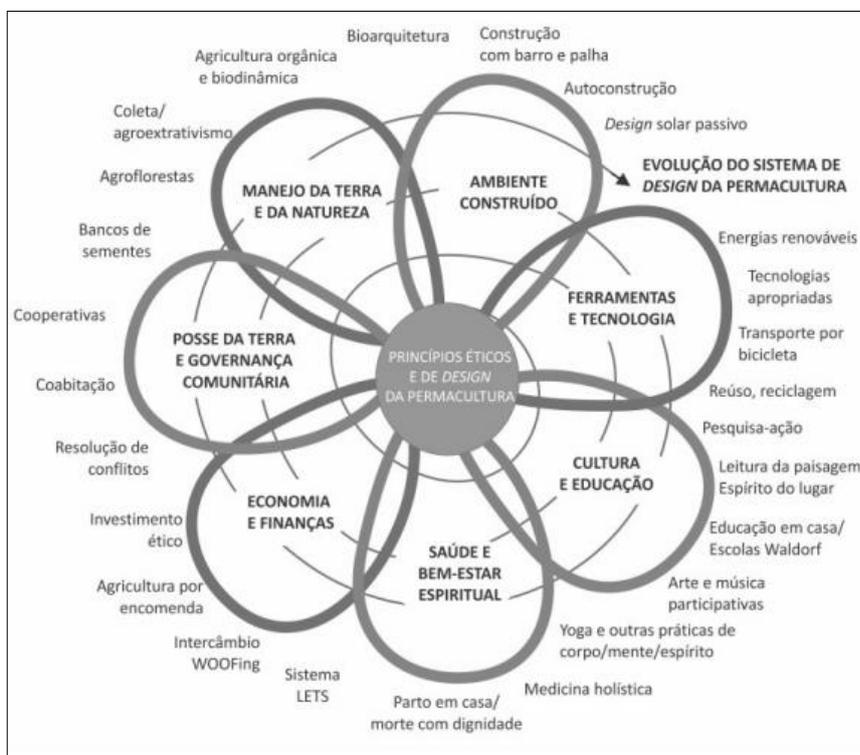
Seus princípios são pautados em três conceitos éticos: Cuidar da Terra, Cuidar das Pessoas e Partilha Justa. Possui 12 princípios denominados Princípios de Design e um signo denominado por “Flor da permacultura”, que são os domínios-chave para o caminho de migração para sistemas autossustentáveis.

3.1 Flor da Permacultura

A Flor da Permacultura (figura 1) é um signo que apresenta os domínios-chave para a transformação que criará uma cultura sustentável.

Figura 1: A Flor da permacultura

Ao longo da sua história, permacultura desenvolveu o manejo com a terra e a natureza como fonte de ética e design, assim como o produto da aplicação desses princípios que agora são aplicados em outros domínios, como recursos energéticos e físicos, perpassando as organizações humanas,



indicado na flor como a espiral, o caminho evolucionário se inicia na ética e nos princípios, afetando inicialmente o fazer-se individual e em seguida o coletivo e global (HOLMGREN, 2013).

3.2 Princípios Éticos

De acordo com Holmgren (2013. p. 8): “A ética atua como freio aos instintos de sobrevivência e a outras ações pessoais e sociais em benefício próprio [...]”. Durante o processo de desenvolvimento da Permacultura, ao estabelecer contato com diversas culturas tradicionais e indígenas, foi possível perceber que essas culturas conseguiram atingir um mínimo equilíbrio com o meio ambiente e

conseguiram estender sua permanência por mais tempo do que nossas tentativas mais recentes de construção de civilização (HOLMGREN, 2013).

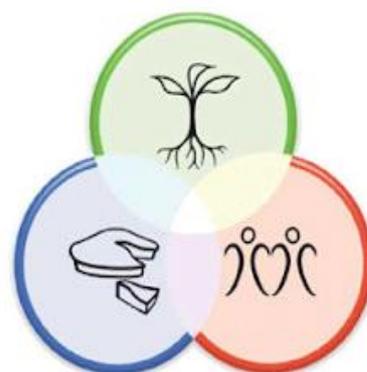
No caso da Permacultura, Holmgren (2013, p. 8) indica que

[...] os princípios éticos são mecanismos que evoluíram culturalmente de modo a promover interesses pessoais menos egoístas, uma visão mais inclusiva de quem e o que constitui “nós”, e uma compreensão de longo prazo das conseqüências boas e ruins das nossas ações.

Figura 2 - Princípios Éticos

Diante disto, a ética baseada em permacultura, vem sendo estruturada, observada, e disseminada em três princípios gerais (Figura 2):

1. Cuidado com a Terra (solos, florestas e água)
2. Cuidado com as pessoas (cuidar de si mesmo, parentes e comunidade)
3. Partilha justa (estabelecer limites para o consumo e reprodução, e redistribuir o excedente) (HOLMGREN, 2013).



Fonte: Holmgren, 2013, p. 36

3.3 Princípios de Design

Os Princípios de Design se fundamentam em perceber e entender o pensamento sistêmico, que busca atuar na realidade do todo em contraposição à uma visão reducionista-mecanicista, tendo como base científica: a ciência moderna da ecologia, especificamente a “ecologia de sistemas”, a geografia da paisagem e a etnobiologia (HOLMGREN, 2013).

David Holmgren (2013, p. 9-10) organizou a diversidade do pensamento permacultural em doze princípios de design, estruturado da seguinte maneira:

[...] cada princípio de design é uma afirmação de ação positiva com um ícone associado, que funciona como um lembrete gráfico [...]. Associado a cada princípio está um provérbio tradicional que enfatiza o aspecto negativo ou de precaução do princípio. Cada princípio pode ser visto como uma porta de entrada ao labirinto do

pensamento sistêmico. Qualquer exemplo utilizado para ilustrar um princípio também incorporará outros, de modo que os princípios são apenas simples ferramentas para o pensamento para nos ajudar na identificação, design e evolução de soluções de design.

Para melhor visualização, organiza-se no quadro 2, a seguir, a absorção dos princípios, seus conceitos, seus signos e provérbios, de acordo com Holmgren (2013):

Quadro 2 - Princípios da Permacultura.

“Observe e interaja”		
Provérbio:	“A beleza está nos olhos de quem vê”	
Definição	“Se tomamos tempo para interagir com a natureza podemos desenhar soluções aptas para nossa situação particular”	
“Capte e armazene energia”		
Provérbio:	“Produza feno enquanto faz sol”	
Definição	“Através da criação de sistemas de coleta de recursos durante tempos de abundância, poderíamos usá-los em tempo de escassez.”	
Obtenha um rendimento		
Provérbio:	“Você não pode trabalhar de estômago vazio”	
Definição	“Assegure que está obtendo rendimento realmente útil como resultado do trabalho que está fazendo.”	
Pratique a Autorregulação e aceite retorno		
Provérbio:	“Os pecados dos pais recaem sobre os filhos até a sétima geração”	
Definição	“Precisamos desencorajar atividades inapropriadas para garantir que os sistemas possam continuar a funcionar bem.”	

Use e valorize os recursos renováveis.		
Provérbio:	Deixe a natureza seguir seu curso'	
Definição	“Aproveite a abundância da natureza para reduzir nosso comportamento consumista e a dependência de recursos não renováveis.”	
Não produza desperdícios		
Provérbio:	‘Não desperdice para que não lhe falte’ ‘Um ponto na hora certa economiza nove’	
Definição	“Valorizando e utilizando todos os recursos que estão disponíveis para nós nada será desperdiçado”	
design partindo de padrões até chegar nos detalhes		
Provérbio:	“Às vezes as árvores nos impedem de ver a floresta”	
Definição	“Dando um passo para trás, podemos observar padrões na natureza e na sociedade. Estes podem ser a “coluna vertebral” em nossos designs, com os detalhes sendo preenchidos ao longo do tempo.”	
Integrar em vez de segregar		
Provérbio:	Não coloque todos seus ovos numa única cesta’	
Definição	“Colocando as coisas certas nos lugares certos, as relações se desenvolvem entre essas coisas e trabalham juntas para suportar uma a outra.”	
Use soluções pequenas e lentas		
Provérbio:	‘Muitos braços tornam o fardo mais leve’	
Definição	“Sistemas pequenos e lentos são mais fáceis de manter do que os grandes, fazendo melhor uso dos recursos locais e produzindo resultados mais sustentáveis.”	

Use e valorize a diversidade		
Provérbio:	‘Quanto maior, pior a queda’ ‘Devagar e sempre ganha a corrida’	
Definição	“A diversidade reduz a vulnerabilidade à uma variedade de doenças e tira vantagem da natureza única do meio onde se encontra.”	
Use a borda e valorize os elementos marginais		
Provérbio:	Não pense que está no caminho certo somente porque ele é o mais batido’	
Definição	“A interface entre as coisas é onde os eventos mais importantes acontecem, estes são geralmente os mais válidos, diversos e produtivos elementos do sistema.”	
Use criativamente e responda às mudanças		
	“A verdadeira visão não é enxergar as coisas como elas são hoje, mas como serão no futuro’	
Definição	“Nós podemos ter um impacto positivo nas mudanças inevitáveis observando cuidadosamente e então intervindo no momento certo.”	

Fonte: Holmgren ([2014?].)

Esses princípios são utilizados como diretriz para a tomada de decisão das comunidades permaculturais diante do desafio de manter grupos de indivíduos diversos e plurais unidos de maneira coletiva e visando o mesmo objetivo.

3.4 Os campos de atuação da permacultura

A partir da ética e dos princípios aplicados no manejo da terra e da natureza, acontece uma evolução progressiva da permacultura, desenvolvendo os sete campos necessário para sustentar a humanidade no processo transitório dos sistemas culturais-políticos e as principais práticas permaculturais, assim listados por HOLMGREN (2013):

Quadro 3 - Sete campos permaculturais e suas Práticas

Manejo da Terra e da Natureza	Jardinagem Bio-intensiva; Jardinagem Florestal; Banco de Sementes; Agricultura Orgânica; Biodinâmica; Plantio Natural; Linha chave para coleta de água; Manejo Holístico de Campos; Plantio em Seqüência Natural; Agrofloresta Floresta baseada na natureza; Aquacultura Integrada; Colheita e caça selvagem; Recoletando.
Espaço Construído	Planejamento solar passivo; Construção com material natural; Coleta e Reuso da Água; Bioarquitetura; Construções de abrigos na terra; Construções resistentes a desastres naturais; Construção pelo proprietário; Linguagem dos Padrões.
Ferramentas e Tecnologias	Reuso e Reciclagem criativa; Ferramentas Manuais; Bicicletas e bicicletas elétricas; Fogão de lenha eficiente e de baixa poluição; Combustíveis de restos orgânicos; Gaseificação de madeira; Bio-char de reflorestamento; Co-geração; Micro-hydro & Vento em pequena escala; Cerca elétrica de geração de energia renovável; Armazenagem de energia; Engenharia de Transição.
Cultura e Educação	Educação em Casa; Educação Waldorf; Arte e Música participativa; Ecologia social; Pesquisa Ação; Cultura de transição.
Saúde e Bem-Estar Espiritual	Parto em casa e Aleitamento materno; Medicina Complementar e Holística; Yoga, Tai Chi, Capoeira e outras; disciplinas de corpo/mente/espírito; Espírito do lugar, renascimento; cultural indígena; Morte Digna.
Economia e Finanças	Moeda local e regional; Rodovias específicas para carros cheios, Carona e Compartilhar o carro; Investimento Ético e Comércio Justo; WWOOFing e Redes similares; Mercados de Produtores e Agricultura; Apoiada na Comunidade (AAC); Cotas de Energia Cambiável; Análise dos Ciclos da Vida e

	Contabilidade Emergética.
Posse da Terra e Governo Comunitário	Cooperativas e Associações comunitárias; Ecovilas e Co-habitações; Tecnologia para espaço aberto e tomada de Decisão por Consenso; Título Nativo e Direito tradicional de uso.

Fonte: Fonte: Holmgren ([2014?].)

As práticas permaculturais listadas acima apresentam teóricas, conceitos e processos que podem ser aplicados em diversos núcleos coletivos promovendo o processo de migração para o formato permacultural. São essas práticas que vão nortear o desenvolvimento das ecovilas, comunidades permaculturais e permaculturas urbanas.

3.5 Classificação das comunidades Alternativas

O site “Irradiando Luz” foi elaborado com a intenção de facilitar a comunicação e troca de informações entre comunidades alternativas, Siqueira (2015) publicou no site uma pesquisa que identificou a possibilidade de segmentar as comunidades alternativas da seguinte maneira:

Quadro 4 – Tipos de Comunidades

Comunidades alternativas	Objetivam a recuperação das práticas do passado e aversão à novas tecnologias.
Comunidades Sustentáveis	Objetivam a interação dos conhecimentos do passado e de povos primitivos com o conhecimento científico e tecnológico.
Condomínios Autossustentáveis	Objetivam moradia através de loteamentos e aplicação do conceito de Desenvolvimento Sustentável ultrapassado.
Condomínios Convencionais	Objetivam moradia através de loteamentos a partir da perspectiva do antigo paradigma insustentável. Ex: Condomínios e Prédios.

Fonte: Siqueira (2015)

Ainda que Siqueira (2015) tenha criado estas definições embasadas em seus estudos empíricos, elas não refletem necessariamente a autodefinição com que cada comunidade de prática possa vir a se autodeterminar, entretanto, é sugestivo que tal nomenclatura possa ser utilizada como um sistema de classificação no âmbito da identificação das comunidades permaculturais.

4 VERSIONAMENTO IFLA E A AGENDA ONU 2030

Singh (2016) relatou em sua revisão de literatura sobre Desenvolvimento Sustentável e explica que a preocupação com esse tópico não é exatamente atual. Singh (2016) afirma que, há mais de 200 anos, surgiram as primeiras questões sobre o impacto que a evolução de nossa civilização poderia ter sobre o meio ambiente e os recursos de nosso planeta.

Embora que a expressão ‘desenvolvimento sustentável’ tenha sido cunhada apenas em 1987, a abordagem baseada na harmonização de objetivos sociais, ambientais e econômicos foi constituída com a primeira grande conferência internacional sobre meio ambiente realizada em Estocolmo em 1972 (SACHS, 2002).

Nessa conferência de alcance mundial, decorreu a recomendação para o uso de oito critérios distintos de sustentabilidade parcial permanece válida: política social, cultural, ecológica, ambiental, territorial, econômica, política nacional e internacional (SACHS, 2002).

Diante dos diversos desafios estabelecidos para as nações da Terra com o avanço das culturas de monocultura, industrialização de alimentos, consumo desenfreado e produção descontrolada de dejetos, a ONU adotou a Agenda 2030 com o objetivo de redirecionar a humanidade para um caminho sustentável através de dezessete Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) que buscam garantir a manutenção de uma vida sustentável, pacífica, próspera e equitativa, abordando as “[...] Principais barreiras sistêmicas para o desenvolvimento sustentável, como a desigualdade, padrões de consumo insustentáveis, falta de capacidade institucional e degradação ambiental” (NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL, 2018).

Em 25 de setembro de 2015, países do mundo todo adotaram um conjunto de metas para acabar com a pobreza, proteger o planeta e garantir a prosperidade para todos, como parte de uma nova agenda de desenvolvimento sustentável. De acordo com a nova Agenda da ONU (2015), existem dezessete Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) abrangendo o desenvolvimento econômico, ambiental e social. Esses ODS incluem 169 metas para desenvolver o Objetivo de Desenvolvimento do Milênio. Cada meta tem metas específicas a serem alcançadas nos próximos quinze anos.

Essencialmente, os ODS são objetivos universais e cada país se torna responsável por desenvolver e implementar estratégias nacionais para alcançá-los (IFLA, 2017), assim como é esperado dos países que eles possam relatar seu progresso nacional. Simultaneamente, enquanto esses planos são desenvolvidos, "a comunidade bibliotecária de cada país está pronta para mostrar como as bibliotecas atuam como parceiros para ajudar a alcançar as Metas e as necessidades de desenvolvimento local" (IFLA, 2017).

Por meio do International Advocacy Program (IAP), a IFLA está realizando workshops em todo o mundo para mobilizar profissionais no trabalho de defesa da biblioteca em relação à Agenda 2030 da ONU (IFLA, 2017).

Os dezessete Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) impactam em todos, visto que é necessário esforço coletivo e individual para atingi-las e são fundamentais para a mudança no paradigma da sociedade moderna, dentre os principais tópicos, encontram-se a erradicação da pobreza, os incentivos à agricultura sustentável e o fim da fome, a promoção do bem-estar, da educação igualitária, igualdade de gênero, além dos principais pontos relacionados aos recursos naturais como a garantia de água potável e saneamento básico, a criação do acesso à energias, a valorização de comunidades sustentáveis, o consumo e produção responsável, além do compromisso em buscar desenvolvimento respeitando todo tipo de vida no planeta, promovendo paz, justiça e mecanismos eficazes para promover paz e inclusão nas sociedades modernas (NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL, 2018).

E dentro deste cenário é possível encontrar ações das quais o profissional da Biblioteconomia podem atuar, assim como indica a Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA, 2015).

De acordo com a IFLA (2015; 2017), bibliotecários e bibliotecas possuem papel importantíssimo para o desenvolvimento sustentável, atuando na esfera nacional até as instâncias mais específicas, como bairros e comunidades, os bibliotecários desenvolvem trabalhos que vão desde a monitoração da implantação das ODS até mesmo a responsabilidade de impulsionar o progresso associado ao desenvolvimento local. "O *advocacy* é essencial agora para garantir o reconhecimento do papel das bibliotecas como motores do desenvolvimento local e para garantir que as bibliotecas recebem os recursos necessários para continuar este trabalho" (IFLA, 2015 p. 1), e, portanto, acredita-se que o bibliotecário pode se

tornar um elemento fundamental para a implementação da agenda ONU 30, desde a disseminação da informação, do acesso às bibliotecas e informações, auxiliando nas tomadas de decisões governamentais, locais e até mesmo de comunidades alternativas como permaculturas, ecovilas e comunidades agroecológicas.

5 O BIBLIOTECÁRIO NA CONSTRUÇÃO DE UM FUTURO PERMACULTURAL

De acordo com Holmgren (2007), a permacultura é uma rede de pessoas e grupos que visam difundir soluções de design em todos os lugares do mundo, perpassando classe social e financeira, impactando na construção de um futuro mais sustentável, reorganizando a vida e o trabalho em simbiose com a natureza, criando pequenas mudanças locais que influenciam as ciências e tecnologias.

Moura (2009) apresenta que Lave e Wenger, em 1991, criou o termo “comunidades de práticas” como organizações informais constituídas por indivíduos que desenvolvem determinados conjuntos de conjuntos de costumes e atividades dentro e fora das organizações formais, entretanto, Moura (2009) indica que Argyris conceituou o termo, em 1981, ao refletir uma “comunidade justa” e seus pilares de equidade, causalidade, responsabilidade pessoal e coletiva do bem-estar do todo, promoção do clima de confiança e partilha dos raciocínios e sentimentos. Diante disto, é possível descrever Comunidades de práticas como um coletivo de indivíduos de diversos campos profissionais pares ou semelhantes que estabelecem entre si condutas e normas para a o êxito da operação do bem-estar coletivo.

Comunidades permaculturais costumam ser constituídas por indivíduos das diversas áreas de atuação dos três pilares da permacultura, como exemplo: Psicologia, Reiki, Pedagogia, Filosofia, ThetaHealing, Terapias Cognitivas, Comportamentais e bioenergéticas, Agroecologia, Desenvolvimento Sustentável, Ecologia, Meio Ambiente, BioConstrução, Design de Construções, Arquitetura, Engenharias, além de beberem conceitualmente de Sociologia, História, Antropologia e das Ciências da Informação.

De acordo com Davenport (2002) é necessário mudar a maneira como utiliza-se a informação visando construir uma cultura informacional, indicando que este é ponto crucial do que chama “Ecologia da Informação” e apresenta que as empresas planejam sistemas complexo e caros de informação, mas que falham ao serem invalidadas pelo comportamento dos indivíduos e portanto, requer que pessoas modifiquem o que fazem.

O objetivo central das comunidades de práticas é desenvolver as competências dos participantes, ajudando-os a gerar e trocar conhecimentos. Ben-Ghozi (2006) apresenta que os participantes são auto selecionados e permanecem no grupo enquanto apresentam interesses, esses grupos informais são formados

através das afinidades e interesses comuns, desenvolvendo conjuntos de hábitos, práticas e conhecimentos autênticos deste grupo:

“[...] um agregado de pessoas que se juntam em torno de algum empreendimento. Unidas por este empreendimento conjunto, estas pessoas vêm a desenvolver e compartilhar modos de fazer coisas, modos de falar, crenças, valores – em suma, práticas – em função de seus envolvimento conjuntos na atividade mútua (ECKERT; WENGER, 1994, p. 2).

Diante da constatação das gerações de conhecimentos e informações inéditas apresentadas pelas reflexões coletivas dos indivíduos das comunidades de prática é interessante a este trabalho analisar quais as possíveis atuações do bibliotecário permacultural

Holmgren (2007) pauta os principais impedimentos à disseminação da permacultura, indicando que existem diversas razões por que nem sempre se fez possível incorporar os princípios permaculturais, dentre elas: a cultura reducionista científica e hostil aos métodos holísticos de pesquisa, o consumismo e interesses de elites políticas, econômicas e sociais em não perder influência e poder.

Estes pontos ditados por Holmgren (2007) podem ser considerados como campos de atuação do fazer bibliotecário visto que através de Ranganathan e seu pensar holístico, o Bibliotecário pode atuar para uma visão mais macro e sistemático na evolução da cultura reducionista para um viés menos hostil aos métodos holísticos de pesquisa. (SEPULVEDA, 2008)

Almeida Júnior (1997, p. 100) apresenta que

“a prática do profissional bibliotecário parte da ideia de que todos são absolutamente iguais, de que a todos são oferecidas as mesmas oportunidades, de que todos os usuários são moldados da mesma forma”

Ou seja, seu objetivo é, sem dúvidas possibilitar condições de acesso da comunidade à informação, permitindo que ela possa gerar e produzir novas informações e culturas atreladas ao seu modo de vida, ideias, propostas e soluções. (ALMEIDA JÚNIOR, 1997)

Walter e Baptista (2008) indicam que o profissional da informação atua sob duas competências: profissionais e pessoais, sendo a primeira sobre: gerência de informações; recursos informacionais; serviços informacionais; ferramentas e tecnologias informacionais; enquanto na segunda, se incluem as competências de comunicadores, na formação e no desenvolvimento de competências, compartilhando as práticas e experiências de mais largo aproveitamento, além de

estarem aptos aprenderem acerca de produtos, serviços e novas práticas, aplicando o gerenciamento informacional ao longo das diversas carreiras correlacionadas.

Guimarães (1998) apresenta recomendações de diversos autores sobre competências para o moderno profissional da informação, tais como:

1. Flexibilidade;
2. Visão gerencial;
3. Capacidade de análise;
4. Criatividade;
5. Conhecimentos sobre organização do conhecimento;
6. Visão política na área de informação;
7. Uso da informação para o desenvolvimento social e humano;
8. Agilidade mental;
9. Motivação interna para desfrutar do trabalho como recompensa pessoal;
10. Habilidade para a solução de problemas.

Estas competências somadas ao olhar mais holísticos e a vivência das comunidades de práticas tem feito do bibliotecário um elemento de máxima soma aos interesses das comunidades permaculturais, ecovilas e assentamentos urbanos e rurais. É importantíssimo compreender a demanda que surge deste movimento que visa atuar na alteração das configurações sociais-econômicas-ambientais e como estas alterações caminham lado a lado aos interesses biblioteconômicos de produção, manutenção e disseminação das informações, da Agenda da ONU para 2030 e do Manifesto da IFLA.

6. RESULTADOS

A principal abordagem deste trabalho é apresentar ao bibliotecário a área de conhecimento denominado “Permacultura”, comunidade de práticas que visa estabelecer relações orgânicas com a Terra e com os outros seres, diante da emergente necessidade de se debater acerca dos futuros da humanidade, conforme alinha a Agenda da ONU 2030 como meta para transformar o mundo em um lugar mais justo e próspero respeitando o planeta e as relações.

Também alinhado a isso, o versionamento da Agenda 2030 IFLA se apresenta como mais uma possibilidade de atuação bibliotecária nesse cenário de desenvolvimento sustentável, principalmente no que se refere às atividades possíveis no seio das comunidades de permacultura.

Para comunidades Permaculturais se estabelecerem no formato de assentamentos e grupos balizados em relações simbióticas com a natureza e agindo na biota local, extrai de maneira consciente para o consumo e compartilha o excedente, visando o consumo e a disseminação das práticas de construção bioecológicas, e a disseminação de práticas e teorias holísticas, culturais e novos formatos de pedagogia e educação é sem dúvida o conjunto de práticas responsáveis por receber os impactos das grandes crises dos séculos: a Crise da Agricultura e a Crise dos Recursos Hídricos. É diante deste cenário que se justifica a necessidade emergente do Bibliotecário em entender e conhecer Permacultura. (DALLA ZEN, 2018; HOLMGREN, 2013; HOLMGREN e MOLLISON, 1981; IFLA, 2018; NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL, 2018; MAZOYER, 2010)

À luz do que foi apresentado por Berstein (2009) acerca das mudanças de culturas políticas e os estudos apresentados por Holmgren e Mollison (1981), entende-se em permacultura o nascimento de uma nova cultura política capaz de alterar as atuais configurações degradantes e em desatento às necessidades mundiais, permitindo o surgimento de um novo paradigma no estilo de vida do ser humano social, abarcando uma busca pelo crescimento coletivo e individual balizado pelas práticas e conhecimentos de cuidar da terra, dos seres e compartilhar os excedentes.

No que tange as atuações do bibliotecário no seio da permacultura é importantíssimo refletir sobre o viés do bibliotecário agente transformador social através da mediação, do tratamento e da disseminação das informações pertinentes

à comunidade e suas necessidades emergentes, facilitando não somente no processo da tomada de decisão agregando com dados e informações que facilitem o processo decisório mas também com a produção de conteúdos, catálogos, bibliográficas e pesquisas voltadas para as práticas do coletivo.

Acerca das possíveis demandas por informação no plano da permacultura, foi possível analisar que apesar dos grupos já constituídos e autogerenciados, a biblioteconomia, como ciência da informação e conhecimento prático, pode se tornar um facilitador no processo da permacultura, desde seu começo até a sua manutenção diária, somando para a construção de um novo paradigma no sistema vigente, e o bibliotecário inserido na comunidade de permacultura e nas atividades de fornecimento de informação, além de ser uma contribuição que pode agregar com mais coesão à comunidade, também poderá contribuir para colmatar as lacunas de informação que existam e viabilizar o acesso ao conhecimento para os variados níveis de interesse das comunidades onde venha estar inserido.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa visou recolher elementos que fossem capazes de se fazer identificável o campo do conhecimento permacultural para o indivíduo bibliotecário, através de Berstein (2009) é possível entender como funciona as relações e estruturas das culturas políticas predominante e como funcionam os mecanismos de alteração e troca de poder.

A partir desta compreensão, Mazoyer (2010) apresenta que é possível compreender como o processo civilizatórios nos fez chegar até as atuais configurações e como é possível a transformação deste cenário para as necessidades emergentes como indicam os autores Holmgren e Mollison (1981) acerca dos problemas sociais e ambientais e da entropia dos sistemas.

E por fim, visa-se apresentar ao bibliotecário em suas funções de agente transformador da sociedade e cientista da informação sob a luz da Agenda ONU 2030 e do manifesto da IFLA, definindo potenciais bibliotecários para a atuação do bibliotecário na difusão dessas ações, e portanto, o aproxima das práticas permaculturais e das necessidades informacionais destes grupos.

Buscou-se apresentar insumo para as possíveis reflexões futuras acerca deste tema emergente e necessário de debate para os profissionais da informação e por todos os seres que se identificam com um novo estilo de vida e consumo, entendendo que as práticas que trouxeram a sociedade aos dias de hoje já se encontram esgotado e em ruptura.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BERSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, C.; ROLLEMBERG, D.; KNAUSS, P.; BICALHO, M.F.B.; QUADRAT, S.V. (orgs.). **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p.29-46.

CALVO, Luciana Cabrini Simões. Comunidades de Prática: revisão dos estudos seminiais e dos desenvolvidos na área de formação e atuação docente. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n. 20/1, p. 186-217, abr. 2017

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado: investigações de antropologia política**. Porto, Portugal: Afrontamento, 1979.

DAVENPORT, Thomas H.; PRUSAK, Laurence. **Conhecimento empresarial: como as organizações gerenciam o seu capital intelectual: método e aplicações práticas**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1998.

DALLA ZEN, Ana Maria. São José dos Ausentes - RS, povo e paisagem: relato de uma prática interdisciplinar. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 309-323, 2000. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000004636/0651ab45c60640b01bdc9e4e989877a1>>. Acesso em: 8 set. 2018.

DALLA ZEN, Ana Maria. A Crise de paradigmas e a resignificação do conhecimento para o século XXI. **Em questão**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 49-63, 2010. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000009540/b0a59427f2952d363da79e67cace9fa9>>. Acesso em: 8 set. 2018.

DAVENPORT, Thomas H. **Ecologia da informação: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação**. São Paulo: Futura, 1998.

DE LENA JUNIOR, Hélio. Uma reflexão acerca do conceito de cultura política. **Confluências**, Vol. 12, n. 1. Niterói: PPGSD-UFF, outubro de 2012, páginas 155 a 176. ISSN 1678-7145

FERNANDES, Florestan. "Antecedentes indígenas: organização social das tribos tupis". In: HOLANDA, Sérgio Buarque (org.). **História geral da civilização brasileira**. Rio de Janeiro: Difel, vol. I, 1976. p. 72-86.

FOLADORI, Guillermo. **Limites do Desenvolvimento Sustentável**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, São Paulo: Imprensa Oficial, 2001.

FOX, Louis. **A História das Coisas**. Documentário. 2005

GONDAVO. **História da Província de S. Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil, Capítulo X. Do gentio que há nesta província, da condição e costumes delle, e de como se governam na paz**. Lisboa: Oficina de Antonio Gonzales, 1576.

GUIMARÃES, José Augusto. Moderno profissional da informação: elementos para sua formação e atuação no Mercosul com vistas ao terceiro milênio. In: **ENCUENTRO DE DIRECTORES, 3.; ENCUENTRO DE DOCENTES DE LAS ESCUELAS DE BIBLIOTEOLOGÍA DEL MERCOSUR, 2.**, Santiago de Chile, 1998.

HOLMGREN, David; MOLLISON, Bill. **Permacultura Um**. Editora Ground: São Paulo, 1981

HOLMGREN, David. **Os Fundamentos da Permacultura. Versão resumida em português**. Santo Antônio do Pinhal, SP: Ecosistemas, 2007.

HOLMGREN, David. **Permacultura: Princípios e caminhos além da sustentabilidade**. Porto Alegre: Via Sapiens, 2013.

HOLMGREN, David. **Permacultureprinciples.com**. Disponível em: <<https://permacultureprinciples.com/pt/index.php>> Acesso em: 05 de novembro de 2018

IFLA. **As bibliotecas e a implementação da Agenda 2030 da ONU**. [S.l.], 2015. Disponível em: <<https://www.ifla.org/publications/node/10546>>. Acesso em: 1 ago. 2018.

IFLA. **Access and opportunity for all: How libraries contribute to the United Nations 2030 Agenda**, [Lyon], May 2017. Disponível em: <<https://www.ifla.org/publications/node/10546>>. Acesso em: 1 ago. 2018.

IFLA. **As bibliotecas podem promover a implementação da Agenda 2030**. [S.l.], 2016. Disponível em: <<https://www.ifla.org/files/assets/hq/topics/librariesdevelopment/documents/sdgs-insert-pt.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2018

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 1996

LEBOW, Victor. Price Competition in 1955. **Journal of Retailing**. New York University School of Retailing. nº 1. Vol. XXXI. Spring, 1955. Disponível em: <http://www.gcafh.org/edlab/Lebow.pdf>

LEGAN, Lucia. **Soluções sustentáveis**: Permacultura urbana. Pirenópolis: Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado, 2008.

MOURA, Guilherme Lima. Somos uma comunidade de prática? **RAP**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 2, p. 323-346, mar./abr. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rap/v43n2/v43n2a03.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2018.

MAZOYER, Marcel. História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

MOURA, Guilherme Lima. Somos uma comunidade de prática?. **Rev. Adm. Pública**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 2, p. 323-346, Apr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122009000200003&lng=en&nrm=iso>. acessado em 29 Nov. 2018.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. [Brasília, DF], 2018. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>>. Acesso em: 25 out. 2018.

NÉSPOLI, José Henrique Songolano. CULTURA POLÍTICA, HISTÓRIA POLÍTICA E HISTORIOGRAFIA. **História e Cultura**, Franca, v. 4, n. 1, p. 361-376, mar. 2015.

NOGUEIRA, Eduardo de Faria; MANSANO, Sonia Regina Vargas. DA GLAMOURIZAÇÃO DO CONSUMO À PRODUÇÃO DE LIXO: UM DEBATE NECESSÁRIO. In: **VIII Encontro de Pesquisa em Comunicação**, 4., Paraná, 2016

O QUE É DESENVOLVIMENTO sustentável? [S. I.]: WWF, [2018?]. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/questoes_ambientais/desenvolvimento_sustentavel/> Acessado em: 28 de nov. 2018.

PICCHIAI, Djair; LOPES, Meire dos Santos; OLIVEIRA, Paulo Sérgio Gonçalves de. GESTÃO DO CONHECIMENTO E AS COMUNIDADES DE PRÁTICA. **Gestão & Regionalidade** - v. 23, n. 68, 3. sem, 2007

PIRES, Erik André de Nazaré. O bibliotecário como agente transformador social: sua importância para o desenvolvimento da sociedade informacional através da disseminação da informação. In: **ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO**, 15., 2012, Juazeiro do Norte. Anais eletrônicos... Juazeiro do Norte: EREBD, 2012. p. 1-15.

RIFKIN, Jeremy. **A era do acesso: a transição de mercados convencionais para networks e o nascimento de uma nova economia**. Trad. Maria Lucia G. L. Rosa. São Paulo: Makron Books, 2001.

RODRIGUES, Jorge Luis; TOMAÉL, Maria Inês. As redes sociais e o uso da informação entre os pesquisadores de alimentos funcionais da UEL. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 6, n. 1, p. 15-37, 2008. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/7443>>. Acesso em: 8 set. 2018.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. 4. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SANTOS, Maria Carolina de Melo. Pós-modernidade e a cultura do consumo: Impactos ambientais na civilização tecnológica. **Ciências Sociais Aplicadas em Revista** - UNIOESTE/MCR - v.16 - n. 31 - 2º sem.2016 - p 90 a 99 - ISSN 1679-348X

SEPULVEDA, Fernando Antonio Miranda. **A GÊNESE DO PENSAR DE RANGANATHAN: Um Olhar sobre as Culturas que o influenciaram**. 1996. Disponível em: <<http://www.conexaorio.com/bit/sepulveda/index.htm>>. Acessado em 04 dez. 2018.

SINGH, S. K. Sustainable Development: A Literature Review. **The International Journal of Indian Psychology**, New Delhi, v. 3, n. 3, p. 63-69, 2016. Disponível em: <<http://oaji.net/articles/2016/1170-1463510666.pdf>>. Acesso em: 3 maio 2018.

SIQUEIRA, Gabriel Dread. **Mapeamento de Ecovilas e Comunidades Alternativas do Brasil**. 2015. Disponível em:<<https://irradiandoluz.com.br/2015/10/ecovilas-e-comunidades-no-brasil.html>> . Acessado em: 29 out. 2018

SOARES, André Luis Jaeger. **Conceitos básicos sobre Permacultura**. Brasília: MA/SDR/PNFC, 1998.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. Formação profissional do bibliotecário. Encontros Bibli: **Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 13, n. 25, 1. sem. 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2008v13n25p84>>. Acesso em: 25 abr. 2013. DOI: 10.5007/1518-2924.2008v13n25p84.